



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA
DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS

PATRÍCIA DE SANTANA SOUZA

RELATÓRIO FINAL DE PRODUÇÃO DO MATERIAL
DIDÁTICO “REPRESENTAÇÕES DE ÁFRICA: TARZAN E
A HISTÓRIA EM SALA DE AULA”

CACHOEIRA – BA

2019

PATRÍCIA DE SANTANA SOUZA

**RELATÓRIO FINAL DE PRODUÇÃO DO MATERIAL
DIDÁTICO “REPRESENTAÇÕES DE ÁFRICA:
TARZAN E A HISTÓRIA EM SALA DE AULA”**

Relatório técnico final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História sob orientação do Profº Dr Juvenal de Carvalho Conceição.

**CACHOEIRA-BA
2019**

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

S729r Souza, Patrícia de Santana
Relatório final de produção do material didático
“Representações de África: Tarzan e a história em sala de aula” / Patrícia de Santana Souza. – Cachoeira, 2019.
23 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Juvenal de Carvalho Conceição.
Relatório técnico (mestrado profissional) - Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2019.

1. África - História. 2. Educação básica - Brasil.
3. Ensino médio - Brasil. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. II. Título.

CDD: 960

PATRÍCIA DE SANTANA SOUZA

**RELATÓRIO FINAL DE PRODUÇÃO DO
MATERIAL DIDÁTICO “REPRESENTAÇÕES DE
ÁFRICA: TARZAN E A HISTÓRIA EM SALA DE
AULA”**

Relatório técnico submetido à avaliação para obtenção do grau de Mestre em História do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB.

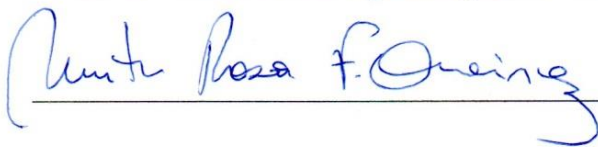
Aprovado, 26 de abril de 2019

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Juvenal de Carvalho Conceição – UFRB (Orientador)



Prof.^a Dr.^a Martha Rosa Figueira Queiroz - UFRB (Examinadora Interna)



Prof.^a Dr.^a Mayara Plácido – IFBA (Examinadora Externa)



CACHOEIRA

2019

Aos meus pais, Arnulfo e Lucilia, pelo apoio incondicional.
A todos/as os/as professores/as que acreditam e contribuem para uma educação
pautada na diversidade étnico-racial.

AGRADECIMENTOS

Escrever o livro “Representações de África: Tarzan e a história em sala de aula” foi sem dúvida um processo por vezes difícil e desafiador, e sua conclusão só foi possível porque contei com a presença e o apoio de pessoas queridas durante a trajetória. Por isso dedico este espaço a todos/as aqueles/as que contribuíram direta e indiretamente para a construção deste trabalho.

Primeiramente agradeço a Deus, autor da minha existência. Sou grata pela sua doce companhia, que não me deixou desistir, mas me inspirou para que eu chegasse até aqui.

Aos meus pais, Arnulfo e Lucilia, pelo apoio constante, por sempre “comprarem minhas ideias e projetos”. E a minha irmã Daniele, pelo cuidado e compreensão. Serei sempre grata por tudo o que vocês fazem e fizeram por mim.

Ao meu orientador Juvenal de Carvalho que mais uma vez tem seu nome registrado em um trabalho meu de conclusão de curso. Sua presença constante seja com palavras de incentivo, sugestões, críticas estão expressas em cada parágrafo do texto!

Aos/as meus/minhas amigos/as, pelo companheirismo e entusiasmo, por acreditarem no meu potencial, em especial: Rosana Andrade, Maíza Fonseca, Gepherson Espínola, Edmilson Ferreira. Vocês tornaram a caminhada mais leve e divertida.

Aos/as professores/as e funcionários/as da secretaria do Mestrado em História da UFRB que gentilmente nos conduziram durante o processo de formação acadêmica. Em especial a professora Vanda Machado com sua ternura e sabedoria, e ao técnico em assuntos educacionais Moisés Bonniak pela disponibilidade e solicitude.

Aos/as colegas da turma de mestrado 2017 pelas ideias compartilhadas, carinho e motivação ofertados. Agradeço especialmente João de Deus e Andréa de Carvalho, sentirei falta das nossas “conversas filosóficas” durante as idas para Cachoeira.

A todos/as meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

Este relatório descreve o processo de criação do livro “Representações de África: Tarzan e a História em sala de aula”, apontando as referências teóricas e os caminhos escolhidos para a sua construção. O livro consiste num material didático destinado aos/as docentes que atuam no Ensino Médio da Educação Básica. Ele foi produzido com o intuito de atender a lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino. Para isso, discutimos as representações de África presentes nos filmes *Tarzan o Filho das Selvas* (1932) e *A Lenda de Tarzan* (2016), elencando temas que podem ser trabalhados em sala de aula. Em seguida, sugerimos filmes africanos que dialogam com as temáticas sob outra perspectiva.

Palavras-chave: História da África; Representação; Cinema; Educação.

ABSTRACT

This report describes the process of creating the book "Representations of Africa: Tarzan and History in the Classroom", pointing out the theoretical references and the paths chosen for its construction. The book consists of a didactic material destined to the teachers who work in the High School of Basic Education. It was produced in order to comply with Law 10.639 / 2003 which establishes the obligation to teach the History of Africa and Afro-Brazilian Culture in educational establishments. To that end, we discussed the representations of Africa in the films Tarzan the Son of the Jungles (1932) and The Legend of Tarzan (2016), listing topics that can be worked on in the classroom. Next, we suggest African films that dialogue with the themes from another perspective.

Keywords: History of Africa; Representation; Cinema; Education.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 10 |
| INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA | 11 |
| EDUCAÇÃO ETNICO-RACIAL NA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA..... | 14 |
| O FILME NO ENSINO DE HISTÓRIA: USOS E MÉTODOS..... | 16 |
| UM OLHAR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE ÁFRICA NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL | 17 |
| REPRESENTAÇÃO DE ÁFRICA NO CINEMA NORTE-AMERICANO | 18 |
| E O CINEMA AFRICANO ENTRA EM CENA | 20 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 21 |
| REFERÊNCIAS | 22 |

APRESENTAÇÃO

Este relatório tem como objetivo descrever o processo de construção do material didático “Representações de África: Tarzan e a História em sala de aula”, livro destinado aos/as docentes que atuam no Ensino Médio da Educação Básica. Ele foi produzido com o intuito de atender a lei 10.639/2003, retificada pela lei 11.645/2008, que introduziu o ensino de História da África e da Cultura afro-brasileira como conteúdo obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e particulares.

Para além de colocar em prática a lei supracitada, essas discussões já faziam parte das minhas vivências quando estudante do curso de História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Integrante do grupo de estudo de História da África, sob orientação do professor Juvenal de Carvalho, uma das atividades desenvolvidas constituía-se na elaboração de uma resenha de qualquer filme que tivesse como referência o continente africano. A partir daí me dei conta do quanto nosso imaginário a respeito do continente africano dialoga com as representações contidas nas produções cinematográficas. Assim, construí meu trabalho de conclusão de curso analisando o livro e dois filmes sobre Tarzan, tendo em vista que suas histórias tiveram grande repercussão na literatura, no cinema, nas histórias em quadrinhos e nos seriados.

Com a conclusão do curso de História passei a trabalhar no Colégio Estadual São Felipe, na cidade de São Felipe. Na minha vivência enquanto professora de história e de Cultura Afro-brasileira do ensino médio, enfrentei dificuldades em localizar materiais didáticos e conseqüentemente para organizar um plano de estudo que privilegiasse o ensino de história da África e afro-brasileira. Além da resistência dos alunos quanto a estudar essa temática. Trabalhar com recursos audiovisuais nas aulas foi um caminho interessante que encontrei, e que também me ajudou na construção do projeto para a seleção do Mestrado em História da UFRB.

A proposta do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas em formar docentes para desenvolverem, de forma plena e inovadora, projetos e produtos pedagógicos para aplicação da lei 10.639/2003 foi uma oportunidade de trazer as discussões acadêmicas para a sala de aula. Assim, o projeto que foi aprovado na seleção tinha como objetivo produzir um livro didático com sugestões de procedimentos para a análise fílmica em sala de aula, atividades práticas sobre as produções cinematográficas de Tarzan, com sugestões de abordagem de temáticas relacionadas à História e temas transversais.

Nas discussões da disciplina Políticas, teorias e experiências curriculares da educação ministradas pelos/as professores/as Rita Dias, Claudio Orlando e Vanda Machado, percebi a importância de “descolonizar” o currículo¹. Além disso, a partir de entrevistas realizadas na cidade onde resido para a disciplina sobre educação e questões étnico-raciais percebi a grande lacuna entre a lei 10.639/2003 e sua aplicabilidade tanto nas escolas públicas quanto nas instituições privadas.

Isto posto, com as contribuições do meu orientador Juvenal de Carvalho redefinimos a proposta do material didático para, além de discutir as representações de África nos filmes de Tarzan, sugerir filmes produzidos pelos próprios africanos. O livro não foi pensado como um manual para que os/as professores/as possam segui-lo. Muito longe disso, nosso objetivo é pensar em caminhos que possam ser adaptados, transformados ou recortados, a fim de contribuir para o ensino de História da África no ensino médio.

Nesta perspectiva, apresentamos aqui os caminhos trilhados no processo de construção da nossa proposta de trabalho, que consistiu na elaboração de um material didático, voltado para o/a professor/a da educação básica, principalmente do Ensino Médio, tendo como suporte teórico-metodológico autores como Elias Thomé Saliba, Marcos Napolitano, Circe Bittencourt, Stuart Hall, Achile Mbembe.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Quais as representações de África trazidas pelos/as alunos/as do Ensino Médio? De que forma podemos problematizar essas representações? Partindo da ideia que o cinema foi um grande difusor das representações de África que possuímos, enquanto professores/as como podemos desconstruí-las? Foram essas indagações que me impulsionaram a escrever o livro “Representações de África: Tarzan e a História em sala de aula”.

Nos encontros e desencontros das minhas vivências enquanto professora percebi o quanto é importante problematizar essas representações que permeiam o imaginário dos/as alunos/as. Foi pensando nisso que construí meu projeto para a seleção do Mestrado. Com a aprovação, e sob a orientação do professor Juvenal de Carvalho, selecionei temas que poderiam ser trabalhados em sala de aula a partir das películas sobre o “Herói da selva”. Os

¹ A descolonização do currículo é pensada aqui tendo como base os estudos de Boaventura de Souza Santos. Segundo o autor o colonialismo foi também uma dominação epistemológica, que acabou suprimindo muitas formas de saber próprias dos povos colonizados. Neste sentido, ele aponta para a necessidade de denunciar essa supressão e valorizar os saberes até então silenciados e excluídos (SANTOS; MENESES, 2010).

temas elencados foram: aspectos geográficos do continente, superioridade racial e reações africanas à colonização. E na tentativa de propor outros olhares sobre as mesmas temáticas, para cada tópico indicaríamos em média cinco filmes produzidos por africanos/as.

Com esse objetivo encontrei um blog² dedicado a divulgar filmes africanos, o que me ajudou na construção de uma tabela com o título dos filmes, país, ano, direção e sinopse. No total consegui as informações de 57 filmes. Contudo, para minha decepção, pouquíssimos filmes possuíam legenda ou dublagem em português, e outros não tinham relação com a temática, por isso minha lista foi reduzida para quatro filmes. Tendo em vista a quantidade de filmes disponíveis e o fato de que cada produção não apresentava exclusivamente sobre um tema específico, resolvemos não separá-los por temáticas.

O resultado desse processo foi um livro que pode ser dividido em duas partes. Nos primeiros capítulos discutimos sobre as representações de África nos filmes *Tarzan o Filho das Selvas* (1932) e *A Lenda de Tarzan* (2016). Mais do que pensar em como essas discussões podem ser trabalhados em sala de aula, nosso propósito foi o de provocar no/a leitor/a uma criticidade quanto a essas representações, que muitas vezes passam despercebidas nas telas do cinema. Ao longo dos capítulos propomos também sugestões de leituras, em sua maioria livros que fazem parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola³.

Em alguns capítulos inseri também boxes denominados “Diálogo entre educadores/as” e “Luz, câmera e educação”, neles faço algumas considerações mais pontuais sobre Ensino de História e uso do filme em sala de aula.

No segundo momento abordamos o cinema africano. Essa parte, assim como todo o livro, está “em construção”, o objetivo aqui é despertar o interesse no/a professor/a para uma produção muitas vezes desconhecida, mas muito prolífera. Embora a quantidade de filmes indicados não tenha sido a inicialmente pretendida, espero que seja uma porta de entrada para novos olhares e aprofundamento do tema. Desta forma, discutimos alguns aspectos da cinematografia africana, indicações de leituras complementares e os filmes que são seguidos com a ficha técnica, sinopse, comentário e questões que podem ser trabalhadas na sala de aula.

Cabe ressaltar que entendemos o conceito de material didático enquanto produto pedagógico mediador do processo de ensino-aprendizagem. Circe Maria Bittencourt classifica os materiais didáticos em dois grupos, a saber, suportes informativos e documentos. Os

² CINE África. Disponível em: <<http://cine-africa.blogspot.com/>>. Acesso em: 6 jul. 2018.

³ O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi instituído em 1997 e tem por objetivo possibilitar o acesso à cultura e o estímulo à leitura nos alunos e professores através da distribuição de obras de literatura, de pesquisa e de referência (BRASIL, 2008).

suportes informativos “correspondem a todo discurso produzido com a intenção de comunicar elementos do saber das disciplinas escolares” (BITTENCOURT, 2008: 296). Neste caso, livros didáticos, jogos educativos, atlas, apostilas são exemplos de suportes informativos. Enquanto que os documentos, segundo a autora,

[...] diferentemente dos suportes informativos, foram produzidos inicialmente sem intenção didática, almejando atingir um público mais amplo e diferenciado. Contos, lendas, filmes de ficção ou documentários televisivos, músicas, poemas, pinturas, artigos de jornais ou revistas, leis, cartas, romances são documentos produzidos para um público bastante amplo que, por intermédio do professor e seu método, se transformaram em materiais didáticos (BITTENCOURT, 2008: 297).

A produção de um material didático é sem dúvida um processo desafiador, que perpassa desde a sua ideia principal, definição do modelo, conteúdo, até o projeto gráfico, formato, seleção de imagens, inserção de boxes. Tendo em vista minha formação, licenciatura em História, o processo descrito acima, se tornou mais desafiador ainda. A pesquisa sobre o tema não era suficiente, foi necessário estruturar o texto de forma que resultasse numa leitura agradável, mas também não subestimasse o público-alvo, neste caso o/a professor/a do Ensino Médio. Neste sentido, a linguagem empregada no material didático foi um dos maiores entraves para a construção desse, questão que foi sinalizada na banca de exame de qualificação.

A curiosidade, o gosto por fazer desenhos e o desejo de estar presente em todas as etapas da construção do livro, abrindo possibilidades para que outras pessoas também o façam, me fizeram optar por fazer a diagramação e as ilustrações do livro. Tendo em vista que o material didático tem como eixo principal o cinema, optei por denominar os capítulos e fazer ilustrações a partir de elementos que tivessem relação com o tema. A capa do livro também foi pensada a partir dessa perspectiva, um mapa africano sendo projetado por uma câmera de vídeo. Fiz os desenhos no papel ofício A4 e depois digitalizei. A escolha dessa metodologia se deve ao fato de que não possuir habilidades com programas de edição de imagens.

Para o formato do material foi tomado como modelo o livro de Marcos Napolitano (2003) “Como usar o cinema na sala de aula”. Nele o autor discute a relação cinema e escola, a linguagem e história do cinema e indica alguns procedimentos e estratégias de uso desse recurso como instrumento didático. O livro também conta com sugestões de filmes e atividades práticas que podem ser desenvolvidas em sala de aula, além de sugestão de bibliografia e um glossário de termos cinematográficos.

O material foi produzido no Word, utilizando o tamanho do papel A5 (148 x 210 mm). Para a impressão, como não encontrei papel do tamanho A5, cortei o papel A4 com a

guilhotina de papel manual no tamanho desejado, o material foi impresso na impressora Epson L380. Cabem aqui parênteses para agradecer a escola que leciono, Colégio Estadual São Felipe, que me ajudou no processo da feitura do livro físico (cortes do papel, encadernação).

A banca para o exame de qualificação, composta pelas professoras Martha Rosa Figueira Queiroz e Mayara Plácido, foi de fundamental relevância para o término da produção do livro. Na medida em que indicaram referências bibliográficas que poderiam ser inseridas nas discussões dos temas propostos e sugestão de modificações na estrutura do livro, como os nomes dos capítulos, localização das imagens.

EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA

De acordo com o Artigo 21º da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) a educação escolar é composta pela educação básica e a educação superior, sendo o ensino médio a etapa final da educação básica. O Artigo 35º define como finalidade do ensino a consolidação dos conhecimentos apreendidos durante o ensino fundamental, oportunizando aos educandos o prosseguimento de estudos, a preparação básica para o trabalho e a cidadania, bem como o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

Não obstante, essa é uma das fases de ensino que possui maior desigualdade entre negros e brancos. De acordo com dados do IBGE/PNAD Contínua, 62% dos alunos pretos e 62,8% dos pardos estão matriculados no Ensino Médio, enquanto que a taxa de atendimento dos alunos de cor branca chega a 75%. Assim, o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana estabelece como ações cruciais para essa etapa da educação básica:

- b) Assegurar a formação inicial e continuada aos/às professores/as desse nível de ensino para a incorporação dos conteúdos da cultura afro-brasileira e indígena e o desenvolvimento de uma educação para as relações étnico-raciais;
- c) Contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas reflexivas, participativas e interdisciplinares, que possibilitem ao educando o entendimento de nossa estrutura social e desigual;
- d) Implementar ações, inclusive dos próprios educando, de pesquisa, desenvolvimento e aquisição de materiais diversos que respeitem, valorizem e promovam a diversidade cultural a fim de subsidiar práticas pedagógicas adequadas à educação étnico-raciais;
- e) Prover as bibliotecas e as salas de leitura de materiais didáticos e paradidáticos sobre a temática étnico-racial adequados à faixa etária e à região geográfica dos jovens;
- [...] g) incluir a temática de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena entre os conteúdos avaliados pelo ENEM. (BRASIL, 2013:52)

Neste sentido, foi levando em consideração a importância do Ensino Médio para a formação dos/as jovens educandos/as, os dados do Censo do IBGE e a minha atuação enquanto professora nesta etapa da Educação Básica, que optei por um livro voltado para os professores/as. Tendo em vista que vivemos em uma sociedade multiétnica e pluricultural, mas que a sua construção foi marcada por um sistema excludente, racista e discriminatório com os grupos que não se enquadram no modelo ocidental europeu não devemos ignorar as tensas relações étnico-raciais que ainda ocorrem no cotidiano, pelo contrário, devemos promover no espaço educativo a valorização da diversidade, principalmente no que se refere a formação da identidade desses/as jovens.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é necessário valorizar a história e a cultura do povo negro, visando reparar danos à sua identidade e aos seus direitos. O estudo da história e cultura afro-brasileira e africana não se limita apenas a população negra, mas abrange a todos/as os/as brasileiros/as, tendo em vista que vivemos em uma sociedade multicultural e pluriétnica (BRASIL, 2004:10,11).

Ainda com base nas Diretrizes Curriculares, o ensino de História da África deve ser trabalhado em perspectiva positiva não apenas se detendo a denúncia do miséria e discriminação que assolam o continente, e dentre os temas que devem ser abordados estão:

“[...] papel dos anciões e dos griots como guardiães da memória histórica; à ancestralidade e religiosidade africana; aos núbios e aos egípcios, como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade; às civilizações e organizações políticas pré-coloniais, como os reinos do Mali, do Congo e do Zimbábwe; o tráfico e a escravidão do ponto de vista dos escravizados; ao papel de europeus, de asiáticos e também de africanos no tráfico; as ações em prol da união africana em nossos dias, bem como a papel da União Africana, para tanto; às relações entre as culturas e as histórias dos povos do continente africano e os da diáspora; à formação compulsória da diáspora, vida e existência cultural histórica dos africanos e seus descendentes fora da África; à diversidade da diáspora, hoje, nas Américas, Caribe, Europa, Ásia; aos acordos políticos, econômicos, educacionais e culturais entre África, Brasil e outros países da diáspora (BRASIL, 2004:21,22).

Já o ensino de Cultura Africana abrangerá as contribuições dos egípcios, as universidades africanas, as tecnologias na agricultura, mineração e edificação trazidas pelos escravizados e a produção científica, artística e política, na atualidade. Os temas deverão ser trabalhados através de diferentes instrumentos tendo como objetivo a “divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, e episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora” (BRASIL, 2004:22).

O FILME NO ENSINO DE HISTÓRIA: USOS E MÉTODOS

Tendo em vista que as imagens cinematográficas passaram a ganhar o status de fonte histórica a pouco tempo, com as pesquisas empreendidas por Marc Ferro⁴, isso acabou refletindo no despreparo dos professores ao levar esse recurso para sala de aula, utilizando como reflexo da realidade, destituído de rigor metodológico. Nesse sentido, para pensar o uso do cinema no ensino de História utilizamos autores/as como Circe Bittencourt e Marcos Napolitano que fornecem caminhos metodológicos para pensar as imagens cinematográficas no ensino de História.

Segundo Circe Bittencourt o filme reconstrói a realidade com base em uma linguagem própria, produzida em determinado contexto histórico. Assim, para a análise do mesmo deve ser levada em conta, além do conteúdo, roteiro, fotografia e direção, o contexto social e político da produção, bem como a recepção do filme e da audiência (BITTENCOURT, 2008: 376-377). Além desse caminho metodológico, a autora sugere exibição de trechos dos filmes para contemplar determinada temática, além de tornar mais viável sua exibição em sala de aula.

Acerca dessa questão, Marcos Napolitano sinaliza que o filme quando utilizado pelo conteúdo pode seguir duas formas de abordagem: fonte e texto gerador. Enquanto fonte “pode ser usado quando o professor direcionar a análise e o debate para as questões surgidas com base no argumento, no roteiro, nos personagens, nos valores morais e ideológicos que constituem a narrativa da obra” (NAPOLITANO, 2011: 28). Já o filme como texto-gerador, além de seguir os princípios anteriores, o/a professor/a se detém mais com as questões e os temas que a obra suscita.

Analisar o filme enquanto instrumento de desconstrução nos remete as discussões propostas por Elias Thomé Saliba. Segundo o autor, ao discutir sobre as imagens canônicas no ensino de História os filmes, em especial os “clássicos”, “criam os formatos básicos do patrimônio visual da nossa cultura, isto é, um sistema de imagens, de referências, de valores, noutros termos, eles também se tornaram matrizes das inúmeras séries de imagens que conhecemos” (SALIBA, 2007:95). Assim, os filmes constituem-se grandes difusores das imagens canônicas. O autor utiliza esse termo para se referir “aquelas imagens padrão ligadas a conceitos-chaves de nossa vida social e intelectual” (SALIBA, 2007:88).

⁴ Marc Ferro foi o pioneiro e um dos maiores teóricos nos estudos sobre História e Cinema. Segundo ele o filme “está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem objeto, cujas significações não são somente cinematográficas” (FERRO, 2010, p. 32). Neste contexto, o filme não é analisado apenas por aquilo que testemunha, mas pela abordagem sócio-histórica que permite.

UM OLHAR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE ÁFRICA NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL

Para a presente pesquisa o conceito de representação ocupa papel essencial, seja nas discussões sobre a forma como África é representada no imaginário ocidental, que por sua vez reflete nas produções cinematográficas, na literatura, nos livros didáticos, ou até mesmo a autorrepresentação expressada nos filmes produzidos pelos próprios africanos. Assim, utilizarei o conceito de representação trabalhado por Stuart Hall no livro “Cultura e representação”. Conforme o autor, representação “é uma parte essencial do processo pela qual os sentidos são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (HALL, 2016:31). Coisas, objetos, pessoas, eventos não possuem um sentido em si, são as culturas humanas que lhes atribuem significados.

Segundo Achille Mbembe, pesquisador contemporâneo referência nos estudos do pós-colonialismo, o termo África por vezes é associado a um estado de coisas, atributos, propriedades e condição racial, acrescenta-se a isso imagens, palavras, enunciados, estigmas, o seu estado de pobreza, espoliação, relação a uma forma de vida cuja duração é incerta (MBEMBE, 2014:92).

Na consciência moderna, prossegue Mbembe, a África é o nome que geralmente conferimos “às sociedades consideradas impotentes, incapazes de produzir o universal ou de afirmá-lo”, dirigidas por pessoas adornadas de feitiços, tiranos, sociedades supersticiosas, é arruinada pela guerra tribal, a dívida, a feitiçaria e a pestilência “É o avesso negativo do nosso mundo”, sobre o qual não queremos possuir traços de identificação, laços de afinidade (MBEMBE, 2014:94).

A África é comparada por Mbembe a uma máscara na medida que tem o seu rosto escondido e pode ver o outro sem ser visto. Ao invocarmos o nome África, explica o autor, estamos cobrindo cada corpo singular com muitos “estofos opacos” (MBEMBE, 2014: 95).

Estes “estofos” são resultados de um processo de construção da representação de África que, segundo Anderson Oliva, compreende o contato cultural estabelecido com os europeus e árabes desde a Antiguidade, a partir do século VII ao século XIX, produto das relações comerciais, políticas e do tráfico de escravizados. Já o século XIX foi marcado pela resistência à presença europeia no continente e a existência do racismo científico e, por fim o século XX que assistiu à transformação das identidades africanas e o rearranjo do lugar e dos

valores ocupados pelas sociedades negro-africanas, bem como o olhar mais atento para as particularidades e singularidades das realidades africanas (OLIVA, 2007: 26).

REPRESENTAÇÃO DE ÁFRICA NO CINEMA NORTE-AMERICANO

Durante minhas aulas, antes de discutir sobre as sociedades africanas, questiono aos/as meus/minhas alunos/as o que lhes vem à mente ao mencionar a palavra África, nesses seis anos em sala de aula, as respostas geralmente são: leões, fome, miséria, doenças, pobreza. Como afirma o professor Kabengele Munanga: “a visão da África subsaariana na historiografia colonial deixou imagens estereotipadas que resistem até hoje no imaginário coletivo das populações contemporâneas, imagens estas popularizadas nos clichês dos filmes de Tarzan” (MUNANGA, 2012,11).

No século XX foram fabricadas uma série de produções no campo da literatura e do cinema que participaram na perpetuação e propagação das imagens dos africanos associados a “seres primitivos, submissos, dominados, selvagens, animalizados, canibais, lascivos, inferiores” (OLIVA, 2007:81).

Guilherme Felk Senger ao analisar os discursos a respeito da História da África contemporânea a partir dos filmes “O último Rei da Escócia”, “Diamante de sangue” e o “Jardineiro Fiel” aponta que essas produções cinematográficas seguem uma “tendência de vitimizar a África e em tratá-la de forma alegórica, dificilmente como protagonista do seu próprio processo histórico, ou seja, da sua própria História” (SENGER, 2012:525).

Nos filmes o continente é apresentado como vítima, onde o/a africano/a é um agente passivo, que necessita e deve esperar a ajuda humanitária advinda dos países desenvolvidos. O discurso fílmico acaba reproduzindo as representações comuns sobre o continente apresentadas pelos meios de comunicação de massa e que estão enraizados no imaginário ocidental. E ao optar pelo continente como um dos cenários para seus enredos, a indústria cinematográfica norte-americana, conseqüentemente divulga a sua concepção de África e africanos/as.

Nesta perspectiva, encontramos o texto de Marcos Melo “A África nas telas: a indústria do cinema contemporâneo e sua cultura histórica eivada de estereótipos colonialistas”, que faz parte da dissertação do mestrado do autor “‘Como se fossem insetos’: África e ideologia no cinema contemporâneo’. A proposta da dissertação é preencher a lacuna de interpretações historiográficas existentes sobre “a cultura histórica eivada de estereótipos colonialistas sobre a África veiculada pelo cinema contemporâneo” (MELO, 2011:2).

Para o autor:

[...] independente dos avanços da técnica do fazer cinema ou dos supostos ‘avanços civilizacionais’ alcançados pelos países que se autodenominam parte da ‘civilização ocidental’, o continente africano continua sendo retratado pelos veículos culturais e midiáticos desses países quase que exatamente como o era no final do século XIX, auge da carreira imperialista e neocolonial sobre o continente (MELO, 2011:1).

Segundo Melo, independente do gênero do filme pode-se encontrar nele momentos de caráter didático, literalmente, ao representar aspectos do continente. Filmes como *O Senhor das Armas* (2005, Andrew Niccol), por exemplo, ao narrar a biografia de um traficante internacional de armas, cujos melhores clientes são ditadores africanos, o protagonista/narrador explica em detalhes aspectos da política africana, como o entra-e-sai de tiranos autoproclamados libertadores, que massacram as próprias populações. *Lágrimas do Sol* (2003, Antoine Fuqua) e *A intérprete* (2005, Sidney Pollack) possuem momentos ‘documentários’, em que alguma autoridade discorre acerca da realidade africana, invariavelmente selvageria, anarquia, miséria (MELO, 2011:9).

Ainda neste contexto, o autor analisa os filmes em que o diretor possui a pretensão de contar uma “verdade histórica”. O que se aplica para o filme *Falcão Negro em Perigo* (2001, Ridley Scott), que pretende relatar a ‘verdadeira história’ de uma desastrosa missão de militares norte-americanos que tentaram derrubar um ditador somali em 1993 e ficaram encurralados por milhares de soldados locais. Melo aponta que “toda a brutal violência desencadeada no filme de Scott é justificada por que os americanos são os heróis que estão ali para salvar os africanos deles mesmos, essa é a mensagem” (MELO, 2011:11). Assim, a presença estrangeira é explicada devido à necessidade de ajuda externa para a África.

Outro estudo que nos ajuda a entender sobre a importância de discutir as representações de África é o de Juvenal de Carvalho sobre o filme *Madagascar* (2004). Para o autor a animação supostamente inocente e despreziosa “sintetiza bem o pensamento que o mundo ocidental tem sobre a África” (CONCEIÇÃO, 2004:1). O autor define dois grandes padrões presentes no filme,

O primeiro deles é o silêncio, a omissão, o desconhecimento, a distância. O continente não é citado, não aparece, não existe. Esse profundo silêncio só é rompido, como acontece neste desenho, para trazer à tona registros que sirvam ao segundo padrão: a construção, reafirmação e reprodução de uma imagem negativa da África que é vista então como uma totalidade homogênea, símbolo do primitivismo, da selvageria, do atraso, do misticismo, da feitiçaria, da irracionalidade, do exotismo, do não humano, não civilizado, sem cultura. Ao continente africano é associado tudo que é feio, ruim e demoníaco. Acrescente-se a isto a idéia de maldade e hostilidade do clima, que sempre aparece como um deserto ou como uma selva, para termos então um resumo do pensamento ocidental sobre a África (CONCEIÇÃO, 2004:1,2).

Ao apontar padrões encontrados na animação norte-americana, o autor alerta que esta imagem que acaba predominando no imaginário das crianças, público ao qual o filme destina-se. “Todo esforço para superar os preconceitos contra o continente africano, feito pelas organizações do movimento negro, por professores e pelo poder público a partir da Lei 10.639 desaparece na tela dos cinemas” (CONCEIÇÃO, 2004:2).

E O CINEMA AFRICANO ENTRA EM CENA

Ao pesquisar sobre as representações do continente africanos nas produções cinematográficas norte-americanas ainda na graduação me deparei com a expressiva produção de filmes da Nigéria que possui a maior indústria de cinema no mundo em nível de produção fílmica (SENGER, 2012:531). Entre 1995 e 1998 foram produzidos 858 filmes, já a partir de 1997 foram comercializados 1080 filmes. Tendo em vista que no período da graduação o foco do trabalho estava no cinema norte-americano, deixei para pesquisas a posteriori.

Segundo a professora Amaranta Cesar, o cinema africano surge no contexto marcado pela necessidade de construção e de afirmação de autorrepresentações, que implica a reconquista e descolonização das imagens da África. E mesmo com reconfiguração do continente a cinematografia africana, de acordo com Cesar, “continua sendo marcada pelo desejo dos cineastas africanos de tomar parte na construção das imagens de si mesmos e de, assim, alterar a decupagem dos tempos e espaços visíveis da África” (CESAR 2013:142).

Como problematiza Ray Armes, não existe nenhum conjunto de obras cinematográficas que possa ser denominado de “cinema africano”. O que os países possuem em comum é justamente o que pode ser percebido em todas as partes, segundo ele:

... muitas comunidades foram divididas devido às fronteiras traçadas arbitrariamente durante o período colonial, e grupos divergentes foram unidos em Estados-nação artificiais. No Norte persistem tensões ente árabes e não árabes (por exemplo no caso das comunidades berberes) e entre mulçumanos e cristãos (sobretudo na Nigéria e Sudão). No Sul encontramos a anomalia da população branca na África do Sul e a problemática de seu lugar na África como um todo. Através do continente, deparamos com ditaduras que levam artistas e intelectuais ao exílio e com a migração em massa, devido a privações e guerras impulsionada pela busca de uma vida melhor na Europa. A cinematografia africana – e seu estudo – reflete inevitavelmente essas tensões e ambiguidades (ARMES; 2014: 19-20).

Carolin Ferreira aponta que problemas como a falta de financiamento, a escassez de equipamentos, a inexistência de laboratórios e a impossibilidade formar recursos humanos constituíram como obstáculos após as conquistas das independências para o desenvolvimento do cinema. Poucos governos disponibilizaram condições favoráveis a uma produção estável, com exceções do Egito, Burquina Fasso, Gana e Nigéria (FERREIRA; 2014:10).

Entretanto, esses obstáculos não impediram o aparecimento de uma produção cinematográfica própria como resultado das independências políticas. Ainda que algumas produções tenham sofrido interferência estrangeira, seja nas fontes de financiamento, ou por terem sido dirigidas por estrangeiros/as ou cineastas que foram formados/as em escolas de cinema europeias. Tais produções diferem das obras cinematográficas estrangeiras, em especial a norte-americana, que utilizam a África como pano de fundo para seus enredos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção do livro “Representações de África: Tarzan e a história em sala de aula” foi uma experiência enriquecedora tendo em vista que me permitiu o desenvolvimento de técnicas até então desconhecidas, pois mais do que pesquisadora, fui escritora, diagramadora e ilustradora.

Apesar das dificuldades encontradas acredito que o livro alcançou o objetivo pretendido que consistiu em discutir as representações de África nos filmes *Tarzan o Filho das Selvas* (1932) e *A Lenda de Tarzan* (2016) e em contrapartida fornecer outras leituras sobre o continente a partir de filmes produzidos pelos próprios africanos. Minha pretensão na escrita do material não foi o de produzir um manual para os/as educadores, muito menos esgotar as possibilidades sobre o uso do filme em sala de aula, mas de provocar no/a leitor/a problematizações quanto às representações que nos foram/são impostas e possibilidades de trabalha-las em sala.

REFERÊNCIAS

- ARMES, Roy. O cinema africano: uma tentativa de definição. In: **África um continente no cinema** Carolin Overhoff Ferreira org. São Paulo: Editora Unifesp, 2014, pp 19-35.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- _____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: [s.n.], 2004.b. **Resolução CNE/CP nº1/2004**.
- _____. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras / Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva.** – Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- _____. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. / Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.
- CESAR, Amaranta. Cinema africano e autorrepresentação: da reconfiguração do passado colonial para a reinvenção do presente global. In: **Cinema, globalização e transculturalidade**. Brandão, A.; Lyra, R. e Corseuil, A (orgs). Nova Letra/Socine, 2013.
- CINE África. Disponível em: <<http://cine-africa.blogspot.com/>>. Acesso em: 6 jul. 2018.
- CONCEIÇÃO, Juvenal de Carvalho. **Madagascar: a África entra em cena**. In: *Jornal Irohin*, n.11, 2004.
- FERREIRA, Carolin Overhoff. Introdução. In: **África um continente no cinema** Carolin Overhoff Ferreira org. São Paulo: Editora Unifesp, 2014, pp 9-16.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PucRio: Apicuri, 2016.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf Acesso em: 20 de Jan. de 2019
- MBEMBE, Achille. O poço da alucinação. In: MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.
- MELO, Marcos José. **A África nas telas: a indústria do cinema contemporâneo e sua cultura histórica eivada de estereótipos colonialistas**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300847868_ARQUIVO_AnpuhNacionalt extocompleto-MarcosMelo.pdf Acesso em: 20 de Jan. de 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Guadi Editorial, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVA, Anderson. **Lições sobre a África: entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da história da África no Mundo Atlântico (1990-2005)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

SALIBA, Elias Thomé. As imagens Canônicas e a História. In: *História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual*. CAPELATO, Maria Helena; MORETIN, E.; NAPOLITANO, M.; SALIBA, Elias T. (org). São Paulo: Alameda, 2007, pp. 85-95.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SENGER, Guilherme Felk. **História da África contemporânea e Cinema: estudos das representações dos filmes “O Último Rei da Escócia”, “Diamante de Sangue” e “O Jardineiro Fiel”**. In: *Aedos*. n. 11 vol.4 . UFRGS, Set 2012, pp. 524-548. Revista eletrônica. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/30849/20885>. Acesso em 10 de jan. de 2019.